

COP 26: expectativas para um mundo melhor?

COP 26: expectations for a better world?

Leomar Tiradentes¹

Tratar das questões relacionadas ao meio ambiente em espaços escolares não significa apresentar um conteúdo novo e nem é um modismo relacionado à aparente ingenuidade existente em uma sala de aula e ao engajamento de milhares de professores(as) das mais variadas ciências ou níveis de ensino. Essa é uma questão que há tempos vem sendo debatida em sala de aula na expectativa de que, cada nova geração seja mais engajada no processo de termos um “nosso futuro comum”.

Nas últimas décadas, o planeta passou por profundas transformações ambientais - fruto de uma intensa revolução industrial para alguns poucos privilegiados -, que estão afetando a todos com mais intensidade, resultando em mudanças climáticas, que causam tragédias naturais com mais frequência.

Ao longo das últimas décadas, o mundo vem discutindo as consequências desses impactos no planeta e suas possíveis soluções. Esses debates foram realizados nas conferências de Estocolmo (1972), do Rio de Janeiro (1992, 2012), de Paris (2015), dentre outras, e em todas foram produzidos bons trabalhos, tais como Relatório *Brundtland*, (1984), Agenda 21 (1992), Protocolo de Kyoto (1997) e Agenda 2030 (2015), mas com poucas ações para a sociedade civil, que clama por práticas mais rápidas e concretas (BRUNACCI; PHILIPPI JR, 2014), ainda que vários governantes sejam omissos ou as ignoram.

O mundo vivenciou de 31 de outubro a 12 de novembro de 2021, a COP-26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas), com um ano de atraso em função da pandemia que assolou o mundo. Sediada em Glasgow (Escócia), a vigésima sexta conferência teve como objetivos: a) buscar neutralizar as emissões de gases nocivos limitando o aquecimento global em 1,5°C; b) proteger os ecossistemas dos países afetados pelas mudanças climáticas; c) obter fundos para financiar essas metas; e, d) buscar uma cooperação global entre governos e a sociedade civil, regulamentando o Acordo de Paris. São ações que todos esperam que aconteçam em breve e que revertam a situação “terminal” que o mundo se vê envolvido.

Com a ausência do presidente do Brasil, que estava em passeio pela Itália, a única representante brasileira presente na abertura da conferência foi Txai Surui, jovem indígena de 24

¹ Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. ORCID 0000-0002-7258-7326. E-mail: leotiradentes@ufv.br

anos, estudante de Direito, natural de Rondônia (ONU NEWS, 2021). Surui foi um dos destaques do evento, o que comprova a influência da educação sobre os jovens que são líderes em suas comunidades, tendo em vista que, em breve, irão assumir o “mundo”.

A ausência da autoridade máxima do país, que ignorou importante acontecimento mundial quando a maioria dos países se fez representar, deixa uma nação inteira desacreditada perante o mundo, cabendo à sociedade local cobrar um posicionamento do governo que, conscientemente, prefere manter-se alheio a essas mudanças.

A COP 26 foi a última oportunidade para o mundo conseguir mudar o rumo de suas ações. Esperamos que as nações apresentem o que já fizeram para minimizar os efeitos das mudanças climáticas (e o que realmente pretendem fazer), buscando criar práticas que contribuam para o planeta, por meio de um desenvolvimento sustentável, sem destruir tudo e todos como prega o capitalismo global.

Apesar das dificuldades enfrentadas e tendo em vista a importância do assunto, acredita-se no “Bem Viver” que, segundo Acosta (2016, p. 23), refere-se à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada como meio necessário para garantir uma vida digna para todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta.

Em síntese, pode-se dizer que precisamos desse espaço, desse território, dessas paisagens, desses lugares que geograficamente chamamos de planeta terra, a *Pacha Mama*.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Ed. Elefante, 2016.

BRUNACCI, A.; PHILIPPI JR, A. A dimensão humana do desenvolvimento sustentável. In: PHILIPPI JR, A. PELICIONI, M.C.F. **Educação Ambiental e sustentabilidade**. 2ª ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2014.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2ªed. Ed. FGV. 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf. Acesso em: 03 nov. 2021.

LOURENÇO, D. B. **Qual o valor da natureza?** Uma introdução à ética ambiental. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

ONU NEWS. **Do Brasil para a COP26, indígena fala aos líderes mundiais**. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1768902> Acesso em: 02 nov.2021.

SOLÓN, P. **Alternativas sistêmicas**: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.